

### Dossiê Heidegger e os Medievais

*Bento Silva Santos & Rafael Paes Henriques<sup>1</sup>*

O número especial da Revista *Sofia* homenageia um dos maiores pensadores do século XX, Martin Heidegger. A relação de Heidegger com os medievais é bastante complexa e ao mesmo tempo altamente provocadora. Antes de tudo, complexa é a ideia de uma aproximação entre mundo medieval e fenomenologia realizada na “Tese de Habilitação” (*Habilitationsschrift*) de Heidegger, finalizada na Universidade de Freiburg no ano de 1915 e publicada em 1916<sup>2</sup> com o acréscimo de uma conclusão que contém elementos do caminho de seu pensamento posterior<sup>3</sup>. A julgar pelos seus qualificativos, esta importante conclusão é susceptível de ser interpretada de múltiplas maneiras: “síntese desajeitada”, “suntuosa metafísica da história”, “profissão de fé nietzchiana-diltheyana”, “manifesto teológico”, “reconfiguração romântico-hegeliana da mística medieval”<sup>4</sup>. Por que esta aproximação é complexa para os medievalistas de profissão? Porque justamente não se trata mais de questão de historiografia ou de filologia em sentido estrito, mas de reapropriação, de reintegração. Esta posição inicial não implica um desprezo puro e simplesmente pela investigação histórica, mas, considerando seu *Denkweg* particular, Heidegger esboça a possibilidade de fazer abstração dos contextos religiosos, sociais, históricos para fixar-se unicamente nos problemas em torno dos quais a filosofia se manifesta<sup>5</sup>. Trata-se, portanto, de concentrar o olhar na problemática ou,

---

<sup>1</sup> Professores do Programa de Pós-graduação em Filosofia da UFES.

<sup>2</sup> HEIDEGGER, M. *Die Kategorien- und Bedeutungslehre des duns Scotus* [Tese de Habilitação publicada em 1916], in *Frühe Schriften (1912-1916)* (GA [= *Gesamtausgabe*] 1). Frankfurt am Main: Vittorio Klostermann, 1978, p. 189-411.

<sup>3</sup> Esta Tese de Habilitação, que traz as influências marcantes de H. Rickert, Husserl e sobretudo de Emil Lask, preparou Heidegger para abandonar o domínio lógico-formal do *a priori* em vista da esfera das categorias “indicativas formais” da vida fática. Cf. KISIEL, T. *The Genesis of Heidegger's “Being and Time”*. Berkeley/Los Angeles/London: University California Press, 1995, primeira parte; DEWALQUE, A. *Objectualité et domaine de validité. Sur la première partie de l’Habilitationsschrift*, in ARRIEN, S.-J. & CAMILLERI, S. (éd.), *Le jeune Heidegger 1909-1926*. Paris: J. Vrin, 2011, p. 51-74. As categorias “reflexivas” de Emil Lask são decisivas para entender apropriação fenomenológica de Heidegger: ver RESENDE JÚNIOR, J. *Em busca de uma teoria do sentido: Windelband, Rickert, Husserl, Lask e Heidegger*. São Paulo: EDUC, 2013, p. 207-211, 217-220.

<sup>4</sup> ARRIEN, S.-J. *L’inquiétude de la pensée. L’herméneutique de la vie du jeune Heidegger (1919-1923)*. Paris: PUF, 2014, p. 52, nota 1.

<sup>5</sup> Cf. HEIDEGGER, M. *Die Kategorien- und Bedeutungslehre des Duns Scotus*, p. 196.

mais precisamente, nas redes problemáticas, das quais todo mérito cabe à filosofia moderna ter sabido penetrar em profundidade, afirma Heidegger<sup>6</sup>. Assim, estaríamos diante da “questão do método”.

O que pode ser considerado como a fonte da eficácia moderna para Heidegger é justamente esta “autoconsciência” (*Selbstbewusstheit*) de seu “desdobramento” (*Auswicklung*)<sup>7</sup>, de sua maneira de proceder, no sentido de que a filosofia moderna foi capaz de sair das cadeias da tradição que a envolviam até então. Assim, a Idade Média se caracterizaria por esta falta de consciência do método (constatável segundo Heidegger no uso abundante da autoridade e da tradição), por esta “maneira de dedicar-se absolutamente e de imergir com ardor naquilo que o conhecimento anterior entregava ao seu apetite”<sup>8</sup>. Assim procedendo, Heidegger sublinha uma “carência” do espírito medieval em relação ao espírito moderno, que consiste na plena posse de si mesmo e, portanto, em conferir ao sujeito a possibilidade interior e o desejo da livre mobilidade<sup>9</sup>. O olhar fixado para a transcendência, para uma única direção de sentido, sobrepujando o valor do eu (sujeito) (*Ich-[Subjekt]wert*), faz perder de algum modo o sentido das realidades, da “efetividade (*Wirklichkeit*) como efetividade. Compreende-se assim que a Tese de Habilitação, afastando-se de um simples comentário histórico consagrado à filosofia medieval, contém na verdade uma interpretação filosófica audaciosa dos textos escolásticos, que só adquire pleno sentido no contexto determinado das investigações lógicas e filosóficas surgidas desde a virada do século, entre 1900 e 1915<sup>10</sup>. Esta leitura de “Duns Scotus” realiza-se explicitamente “na perspectiva da investigação moderna” e procura compreendê-lo “com base nos problemas lógicos modernos”<sup>11</sup>. Ora, esta interpretação “moderna” de Duns Escoto em 1915 tem como objetivo incluir na teoria das categorias os transcendentais da filosofia medieval (*ens, unum, verum, bonum*), que “transcendem” todos os gêneros e que são interpretados como categorias “reflexivas” no sentido do neokantiano Emil Lask.

O pensamento de Martin Heidegger no século XX foi examinado pelos comentadores com diferentes perspectivas e interesses. Segundo Dieter Thomä, “o verdadeiro ponto de partida

---

<sup>6</sup> HEIDEGGER, M. *Die Kategorien- und Bedeutungslehre des Duns Scotus*: “Nenhum problema tem consistência separada, ele interfere sem cessar com outros, se fortalece com eles e faz mesmo surgir novos problemas” (p. 197).

<sup>7</sup> No sentido do verbo *auswickeln* (desembrulhar, desempacotar) em oposição direta a *Einwickeln*: embrulhar, envolver, empacotar.

<sup>8</sup> HEIDEGGER, M. *Die Kategorien- und Bedeutungslehre des Duns Scotus*, p. 198.

<sup>9</sup> HEIDEGGER, M. *Die Kategorien- und Bedeutungslehre des Duns Scotus*, p. 198-199.

<sup>10</sup> Cf. A. DEWALQUE, *Objectualité et domaine de validité. Sur la première partie de l'Habilitationsschrift*, 69-74.

<sup>11</sup> M. HEIDEGGER, *Die Kategorien- und Bedeutungslehre des Duns Scotus*, 202.

do texto heideggeriano não é a Floresta Negra, mas a fé católica”<sup>12</sup> ou, mais precisamente, o cristianismo ocidental. Nesse sentido, não é de estranhar que o pano de fundo religioso e teológico do pensamento de Heidegger tenha atraído consideravelmente a atenção dos especialistas. Com base no exame do clima religioso da cidade natal de Heidegger, Messkirch, alguns abordaram biográfica e historicamente sua relação com o monaquismo beneditino e com a Abadia de Beuron (nos arredores de Messkirch), e os anos em que Heidegger era estudante de teologia na Universidade de Friburg em 1909. Outros, porém, fizeram uma abordagem mais filosófica, tanto sistemática como historicamente, e discutiram, entre outras questões, até que ponto a maturidade do pensamento de Heidegger fora influenciada pelo seu caminho inicial de vida e de pensamento<sup>13</sup>.

Embora o início do *Denkweg* de Heidegger não fosse nunca exclusivamente teológico – uma vez que, na Universidade de Freiburg ele encontrou pela primeira vez a fenomenologia (Edmund Husserl), a hermenêutica (Wilhelm Dilthey) e o neo-kantismo (Hermann Lozte, Heinrich Rickert e especialmente Emil Lask) –, a publicação das primeiras lições friburgenses (1919-1923), especialmente dos cursos sobre o Cristianismo das origens em 1995 (GA 60), deixou claro que a Tese de Habilitação sobre “Duns Scotus” de 1915 não foi a única fonte da fenomenologia desenvolvida por Heidegger entre 1919 e 1923. Portanto, a publicação em 1995 dos cursos sobre a fenomenologia da religião “modificou substancialmente o entendimento da transição de Heidegger da fenomenologia neoescolástica de sua *Habilitationsschrift* para a hermenêutica da facticidade de *Sein und Zeit*”<sup>14</sup>. É nesse sentido que Heidegger se apropriou fenomenologicamente dos medievais (por exemplo, de Agostinho, Bernardo de Claraval, Meister Eckhart, etc.) com base também numa perspectiva “moderna”, tal como se encontra também no volume 60 da *Gesamtausgabe*: “Fenomenologia da vida religiosa”<sup>15</sup>. Verdade é que esta apropriação visa a conhecer *mais* o pensamento de Heidegger do que os próprios medievais

---

<sup>12</sup> D. THOMÄ, *Die Zeit des Selbst und die Zeit danach. Zur Kritik der Textgeschichte Martin Heideggers 1910-1976*. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1990, 35.

<sup>13</sup> Cf. ZABOROWSKI, H. A “Genuinely religiously orientated personality”: Martin Heidegger and the religious and theological origins of this Philosophy, in McGRATH, S.J. & WIERCINSKI, A. (ed.), *A Companion to Heidegger’s Phenomenology of Religious Life*. Amsterdam & New York: Rodopi, 2010, p. 4-5.

<sup>14</sup> WIERCINSKI, A. *Heidegger’s Atheology: The possibility of unbelief*, in McGRATH, S.J. & WIERCINSKI, A. (ed.), *A Companion to Heidegger’s Phenomenology of Religious Life*, p. 150.

<sup>15</sup> HEIDEGGER, M. *Phänomenologie des religiösen Lebens* (GA 60). Frankfurt am Main: Vittorio Klostermann, 1995 (2011). Sobre a apropriação heideggeriana dos medievais, cf. SILVA SANTOS, B. ‘Hodie legimus in libro experientiae’. A apropriação heideggeriana da fórmula de Bernardo de Claraval. *Trans/Form/Ação* 39 (2016) 101-120; *Martin Heidegger e a Mística Medieval. Em busca de uma compreensão fenomenológica. Síntese - Revista de Filosofia* 43 (2016) 279-303.

em seu contexto histórico e religioso. Ora, na perspectiva da figura principal da *Auseinandersetzung* - cujo objetivo não é resenhar a exatidão e a falsidade da hermenêutica tradicional ou de opor o "modo de ver" de um pensador a outro -, pensar para Heidegger é abrir um caminho, abrir seu pensamento através de outros pensamentos. Daí provém a metáfora do *Denkweg* para expressar o desdobramento do pensamento de Heidegger no século XX. Assim compreende-se a estratégia heideggeriana de apropriação das obras filosóficas: a necessidade de familiarizar-se com a paixão oculta na obra e a obrigação de dizer o que há de tácito nela. A interpretação que força o texto se justificaria a partir de uma coerção que surge supostamente do texto a ser interpretado<sup>16</sup>. Seja como for, sem avaliar a justeza ou não das interpretações heideggerianas sobre os Medievais ao longo de seu *Denkweg*, a motivação dessa homenagem aponta para um *pensamento* onde havia e ainda há *vida* para quem deseja hoje ler os medievais e captar o “vivo da vida medieval”, que se desvela no coração de uma estrutura (a escolástica). No âmbito da própria produção teórica da Idade Média, Heidegger, interpretando os místicos medievais em diversos momentos de sua docência em Freiburg, traz, *mutatis mutandis*, “Vida, ou seja, tentativa e tentação. Ousadia, caminho”<sup>17</sup>.

Em função da comemoração dos 100 anos da publicação da Tese de Habilitação de Heidegger e, portanto, de sua relação com os medievais na figura de Duns Escoto, esse número de SOFIA apresenta sete artigos e a tradução de alguns poemas do jovem Heidegger. Portanto, quanto à estrutura do **Dossiê Heidegger e os Medievais**, o seu conteúdo é o seguinte:

O primeiro artigo (*Desprendimento em Eckhart como positividade da Forma*), de Enio Paulo Giachini (Centro Universitário Franciscano do Paraná) examina a dimensão da “irracionalidade” em Mestre Eckhart com base no curso não proferido intitulado “Os fundamentos filosóficos da mística Medieval” (GA 60).

O segundo artigo (*O aspecto teológico-religioso na construção do pensamento inicial de Heidegger*), de Jairo Ferrandin (Centro Universitário Franciscano do Paraná), trata da relação entre a filosofia de Heidegger e o pensamento teológico e religioso a partir de sua trajetória inicial na Universidade de Freiburg.

Na mesma linha o terceiro artigo (*El estudiante Heidegger y la teología*), de Jesús Adrián Escudero (Universidad Autónoma de Barcelona), destaca que as origens teológicas do jovem estudante Heidegger estão marcadas por uma relevância filosófica que pode ser

---

<sup>16</sup> HEIDEGGER, M. *Kant und das Problem der Metaphysik* (1929) (GA 3). Frankfurt am Main: Vittorio Klostermann, <sup>5</sup>1991, p. XVII.

<sup>17</sup> GADAMER, H.-G. *Hegel, Husserl, Heidegger*. Petrópolis: Vozes, 2012, p. 255.

explicitada a partir de um dos temas centrais de seu Escrito de Habilitação sobre Duns Escoto: a questão da historicidade do “espírito vivo” e a dimensão da vida fática.

O quarto artigo (*Até que ponto a metafísica de Tomás de Aquino pode ser classificada como ontoteológica?*), de João A. Mac Dowell (Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia de Belo Horizonte - FAJE), aborda a conhecida questão da “onto-teo-logia” que, segundo Heidegger, seria a característica fundamental da metafísica ocidental, “desde sua gestão com Platão e Aristóteles até suas últimas conseqüências fatais no mundo da técnica”. Ao responder à pergunta “se e em que medida o pensamento de Tomás de Aquino pode ser considerado como onto-teológico”, o articulista visa a, antes de tudo, “discernir a consistência e o valor do pensamento tomásico sobre os temas em questão independentemente da resposta positiva ou negativa à pergunta formulada”.

O quinto artigo (*Heidegger, Scotus e o indivíduo*), de Marcos Aurélio Fernandes (Universidade de Brasília), aborda, primeiramente, o indivíduo na Tese de Habilitação e, em segundo lugar, elucida a noção de indivíduo em seus traços essenciais: unidade (indivisibilidade) e identidade (incomunicabilidade), e, mais ainda, existência e temporalidade. Em terceiro lugar, apresenta como Duns Escoto investiga o princípio de individuação. Por fim, examina a individuação no horizonte do ser-pessoal e do novo sentido de temporalidade como historicidade.

O sexto artigo (*A “Habilitationsschrift” de Heidegger: “As Categorias e a doutrina da significação em Duns Escoto”*), de Maria Manuela Brito Martins (Universidade Católica Portuguesa), trata igualmente ora do *Scotusbuch* sob o aspecto de seu interesse pela especulação escolástica medieval, ora da importância desse livro para gênese e evolução do *Denkweg* de Heidegger, ora, por fim, da primeira parte do texto em questão onde destaca alguns pontos essenciais sobre as categorias.

A sétima contribuição (*Tradução e breves considerações acerca de alguns poemas do jovem Heidegger*) é uma tradução comentada de nove poemas (compostos entre 1910 e 1916) realizada por Renato Kirchner (Pontifícia Universidade Católica de Campinas).

Por fim, o oitavo artigo (*Reading Heidegger Reading Scotus*), de Sean J. McGrath (Memorial University of Newfoundland/Canadá), reitera que o jovem Heidegger encontra, em suas leituras precoces de Duns Escoto e Thomas de Erfurt, sugestões da gramática especulativa medieval para a solução do problema das categorias: é na doutrina da *haecceitas* de Duns Escoto que Heidegger reconhecerá, de certo modo, o algo pré-teórico (*vortheoretische Etwas*) de Emil Lask e a intuição categorial de Edmund Husserl. Reconhecer a área do *Vor-theoretische* para o acesso da vida histórica implica ir além das categorias tradicionais. O articulista mostra,

portanto, a crítica heideggeriana às categorias de Aristóteles porque elas só valeriam para a chamada "realidade real" (*für die reale Wirklichkeit gelten*) que está limitada à esfera do sensível real. A Tese de Habilitação revelaria ainda não somente as origens da *Analítica do Dasein* no pensamento medieval, mas também como o próprio Heidegger estava desde o início à procura de uma interpretação da vida sob uma perspectiva, metodologicamente, ateia.